

ARTIGOS ORIGINAIS

O método e o espírito: um retorno a Kant no limiar da virada simbólica

The method and the spirit: a return to Kant
on the threshold of the symbolic turn

Rafael Garcia

<https://orcid.org/0000-0002-4120-3205> – E-mail: raroga@unicamp.br

RESUMO

Este artigo visa jogar luzes sobre um momento preciso na trajetória intelectual de Cassirer: a transição de sua fase berlinense para o início de sua fase hamburguesa. Essa é talvez a transição mais marcante da obra de Cassirer, porque representa o início da fase mais importante e produtiva de sua carreira, na qual o autor concebe sua *Filosofia das formas simbólicas*. Mas Vamos aqui focar em alguns aspectos dessa transição que dizem mais respeito à consolidação da fase berlinense e que nos colocam precisamente no limiar do projeto da filosofia das formas simbólicas. Assim, pretendemos fotografar os momentos imediatamente anteriores àquele que Cassirer designa no prefácio do primeiro volume da *Filosofia das formas simbólicas* como a ampliação do campo epistemológico da crítica da razão em crítica da cultura. Pretendo assim mostrar os pontos em que se evidenciam as confluências das diversas frentes de investigação de Cassirer até então e apontar a germinação de sua grande obra. Por esta via, defendemos designar à última obra de Cassirer no período berlinense, *Kant - vida e doutrina* – o estatuto não de um escrito meramente de ocasião, como o próprio autor sugere quando o toma por um “volume de comentário e adendo” destinado àqueles que se encontram em meio aos estudos da filosofia crítica; em vez disso, propomos que a tomemos como o mais detido estudo sobre o método transcendental aplicado à reconstrução das estruturas fundamentais do programa crítico. E por conseguinte, defender que essa obra é um precioso legado filosófico e didático da Escola de Marburgo. Para tanto, discorreremos sobre como *Kant - vida e doutrina* é estruturado em torno do método transcendental enquanto princípio de reconstrução do programa crítico e fio condutor da exposição da obra.

Palavras-chave: Método transcendental. Neokantismo. Escola de Marburgo. Kant. Vida e doutrina.

ABSTRACT

This paper aims to shed light on a precise moment in Cassirer's intellectual path: the transition from his Berlin phase to the beginning of his Hamburg phase. This is perhaps the most striking transition in Cassirer's work, because it represents the beginning of the most important and productive phase of his entire career, in which the author conceives his *Philosophy of Symbolic Forms*. But here we are going to focus on some aspects of this transition that relate more to the consolidation of the Berlin phase and that place us precisely on the threshold of the project of the philosophy of symbolic forms. Thus, we intend to capture the moments immediately preceding what Cassirer refers to in the preface to the first volume of the *Philosophy of Symbolic Forms* as the expansion of the epistemological field from the critique of reason to the critique of culture. Thus, I intend to show the points at which the confluence of Cassirer's various research projects becomes evident and to point out the germination of his great work. In this way, we advocate assigning Cassirer's last work in the Berlin period, *Kant - Life and Doctrine*, the status of not merely an occasional writing, as the author himself suggests when he calls it a "volume of commentary and addendum" intended for those who are in the midst of studying critical philosophy; instead, we propose taking it as the most detailed study of the transcendental method applied to the reconstruction of the fundamental structures of the critical program. And therefore argue that this work is a precious philosophical and didactic legacy of the Marburg School. To this end, we will discuss how *Kant - Life and Doctrine* is structured around the transcendental method as the principle of reconstruction of the critical program and the guiding thread of the work's exposition.

Keywords: Transcendental method. Neo-Kantianism. Marburg School. Kant - life and doctrine.

Die Rede von einem orthodoxen Neukantianismus
der Marburger Schule war niemals begründet.
Paul Natorp

1 Um retorno a um Kant

Kant – vida e doutrina, é um livro amplamente conhecido e reconhecido. Contudo, ele é lido muito mais como um mero comentário sobre a obra de Kant do que como um texto com perspectiva e densidade programática filosófica próprias. Este fato não pode ser considerado em separado do fato de que Cassirer é tomado por parte (ainda) considerável do senso comum da filosofia como um mero comentador ou historiador da filosofia. Por sua vez, esta interpretação ligeira sobre a obra de Cassirer não deve ser tomada em separado do estado da recepção de autores neokantianos, especialmente na cena brasileira; aqui as coisas vão pior do que na recepção de Cassirer. Por conta dessa estranha situação, propomos aqui uma interpretação de *Kant - vida e doutrina* que procura explicitar esta perspectiva filosófica que é ao mesmo tempo tematizada e operacionalizada na obra¹.

¹ Este artigo será seguido por uma segunda parte a ser publicada posteriormente. Neste, a atenção está centrada na tematização do método transcendental tal como ele aparece em especial na obra *Kant - vida e doutrina* como elemento estruturante da exposição sobre a *crítica da razão*. A segunda parte será dedicada à relação entre esta obra de Cassirer e seu tempo histórico.

Com isso, pretendemos contribuir para a atualização da recepção da obra neokantiana no Brasil, tendo em vista a renovada atenção que estas obras têm recebido nos últimos anos nos circuitos filosóficos internacionais. Especificamente a respeito da obra de Cassirer, pretende-se aqui fornecer subsídios para a compreensão do desenvolvimento de seu próprio projeto filosófico, na medida em que no livro sobre Kant encontramos não apenas a operacionalização da abordagem característica da Escola de Marburgo, mas também as bases para a sua *Filosofia das formas simbólicas*. O crescente interesse pela obra de Cassirer, que podemos perceber pelo aumento considerável de trabalhos de pesquisa nos últimos anos, torna imprescindível que sejam revisitadas as etapas constitutivas de seu grande projeto de uma filosofia da cultura.

Nesse percurso, é de grande valia apresentar *um* Kant dos “neokantianos”, que é sempre mais presumido como dado do que realmente conhecido. Dizemos “*um*”, porque ainda é preciso reafirmar o básico: que o neokantismo não foi uma doutrina uníssona e unívoca; que nunca houve algo como um “neokantismo ortodoxo”; que nem sequer no interior da Escola de Marburgo encontramos essa pretensa unidade de conteúdo e doutrina como pressupõe o senso comum filosófico. Partimos, assim, de um ponto de vista algo interno à concepção dos próprios ditos neokantianos que pode ser sintetizado com a declaração de abertura de Cassirer no debate de Davos com Heidegger: “Deve-se determinar o conceito de ‘neokantismo’ não de modo *substancial*, mas, sim, *funcional*. Não se trata de um tipo de filosofia como sistema doutrinário dogmático, mas de um direcionamento da colocação da pergunta” (Heidegger; Cassirer, 2020, p. 258, destaques nossos).

2 Cassirer e o método de Marburgo

Kant - vida e doutrina (1918) é a última obra produzida por Cassirer em seu período de residência em Berlim (1903 a 1919). Trata-se do período que compreende as primeiras investigações de Cassirer depois da conclusão de seu doutoramento sobre a filosofia de Descartes (1899) sob a orientação de Hermann Cohen e da publicação de sua primeira obra sobre a filosofia de Leibniz (1902). Durante sua estada em Berlim, Cassirer produziu os dois primeiros volumes de seu *Problema do conhecimento* (1906 e 1907, respectivamente), *Substância e função* (1910), *Liberdade e forma* (1916) e, finalmente, *Kant - vida e doutrina* (1918), corolário da *Immanuel Kants Werke* (1912-1918, doravante IKW), a edição das obras completas de Kant organizadas por Cassirer em 10 volumes, com colaboração de Hermann Cohen, entre outros. Além destas obras de fôlego, há uma quantidade significativa de artigos e ensaios, dentre os quais destacamos, para nossos fins, *Hermann Cohen e a renovação da filosofia kantiana* (1912). Traçaremos a seguir o arco que compreende o percurso filosófico de Cassirer até sua culminação na obra sobre Kant. Trata-se de um percurso que podemos caracterizar como partindo de uma abordagem histórico-sistemática da teoria do conhecimento das ciências matemáticas da natureza, passando por uma reformulação teórico-sistemática sobre a formação dos conceitos até o *limiar* de seu programa de uma filosofia crítica da cultura.

a) Da gênese à dedicatória

É no segundo volume do *Problema do conhecimento* que Cassirer apresenta sua primeira exposição detida sobre a filosofia de Kant. De modo geral, a empreitada do *Problema do conhecimento* está alinhada à perspectiva metodológica e ao escopo de pesquisa iniciado por Cohen, especialmente pela centralidade conferida às questões de epistemologia das ciências da natu-

reza. O primeiro volume da obra reconstrói os inícios das teorias do conhecimento da modernidade a partir de Nicolau de Cusa, ainda na Renascença, passando pela formulação do conceito de natureza, pelo surgimento das ciências exatas e pela fundação do idealismo; ele traça, assim, como que a gênese da *Mathesis Universalis*. O segundo volume parte dos inícios da filosofia empirista, passa pelos desenvolvimentos do idealismo em Espinosa e Leibniz (entre outros) e desemboca na filosofia crítica. Neste volume, cerca de metade das mais de 600 páginas é dedicada ao surgimento da filosofia crítica, reconstruída em duas grandes seções: “De Newton a Kant” e “A filosofia crítica”. Em linhas gerais, a abordagem da *crítica da razão* [Vernunftkritik]² aí destaca as relações de Kant com o conhecimento científico de seu tempo; “De Newton a Kant”, composto por quatro capítulos em que as ideias centrais de Newton são esmiuçadas a partir da reconstrução dos problemas enfrentados pela filosofia da natureza, é a contribuição mais original da interpretação de Cassirer até então. Nos dois capítulos que compõem “A filosofia crítica”, Cassirer discorre primeiro sobre o surgimento da filosofia crítica e em seguida sobre seus elementos estruturantes: a virada copernicana, os juízos analíticos e sintéticos, tempo e espaço, o conceito de consciência de si e a coisa-em-si; comparativamente, as questões da razão prática e da crítica do juízo, esta em especial, ficam em segundo plano – o que se compreende levando em conta o escopo geral da obra³. O reconhecimento pela erudição contida na obra rendeu ao jovem filósofo alguma fama no meio filosófico e o apelido de “Erkenntnis Cassirer” entre seus estudantes e colegas (Paetzold, 1995, p. 22).

Em *Substância e função* percebe-se uma inflexão significativa no teor da filosofia de Cassirer. Em geral os estudiosos tomam-na como sua primeira obra teórica sistemática. Nela, Cassirer busca reformular profundamente a teoria sobre a formação de conceitos, substituindo a tradicional concepção de construção de conceitos de substância – vigente pelo menos desde Aristóteles – pela concepção funcional, mais adequada aos desenvolvimentos da nova lógica. Esta lógica lida antes com *relações* do que com substâncias e com *séries* em vez de classes. A defesa dessas modificações teórico-metodológicas já havia sido feita no artigo *Kant und die moderne Mathematik*, onde Cassirer argumenta que os objetos do conhecimento nas ciências modernas são leis cuja expressão matemática não pode ser adequadamente apreendida pela doutrina da substância nem pela lógica silogística. Em *Substância e função*, lida-se, além da matemática, com os desdobramentos dessa concepção de formação dos conceitos para os campos da física e da química. Os conceitos são entendidos como inter-relacionados em tramas através das quais se constituem campos de objetos; os conceitos engendram séries de relações a partir das quais se estabelece e desenvolve uma ordem coerente lógica dos fenômenos. Através das séries de conceitos são criados campos conceituais a partir dos quais são estabelecidos os parâmetros da experiência. Por exemplo, nesta abordagem o conceito de energia na física não vem a ser um conceito-de-coisa (na verdade, descola-se paulatinamente do conceito de matéria desde Demócrito), mas uma expressão de determinações numéricas em que se pode verificar a interação entre força, calor e movimento; o interesse não está em investigar a essência substancial da energia ou como ela oscila em determinadas condições, mas no seu funcionamento como expressão de relação para a representação de diferentes

² Cassirer usa o termo *Vernunftkritik*, que vertemos por *crítica da razão*, para se referir ao conjunto das críticas. Quando se trata de uma das três críticas em particular, elas são designadas por seu título respectivo.

³ Vale apontar aqui que na resenha a *Kant - vida e doutrina* publicada no *Kant Studien* por Arthur Liebert, destaca-se como a diferença entre a exposição sobre a filosofia kantiana nesta obra e no *Problema do conhecimento* se nota pela importância que a terceira crítica assume na obra de 1918. Mais precisamente, Liebert nota como a exposição de Cassirer busca apreender o conjunto do programa crítico, não apenas sua problemática epistemológica. Podemos tomar isso como um dado relevante para o estabelecimento dos marcos de desenvolvimento temporal da filosofia marburguesa.

campos da natureza. No campo da química Cassirer faz um percurso análogo para a compreensão da progressiva determinação do átomo a partir da possibilidade de sua quantificação e organização na tabela periódica.

Podemos destacar, para nossos fins, que a vantagem dessa estrutura teórica é sua adaptabilidade a uma compreensão da experiência como uma atividade contínua e progressiva ao limite do infinito – ou seja, adequada à compreensão tipicamente marburguesa do programa crítico kantiano como uma tarefa infinita frente ao conhecimento, jamais como um corpo doutrinário acabado. Aqui vale ressaltar um detalhe do vocabulário marburguês: sua filosofia não é entendida como uma *teoria* do conhecimento, mas como sua *crítica*. Desde Cohen percebe-se o zelo em marcar a distinção entre as duas expressões, de modo a ressaltar que a concepção que se tem de conhecimento é a de um *faktum* que guarda algo de um *fieri*⁴. Foi esse, de modo geral, o expediente da Escola de Marburgo para pautar o que foi então chamado de “renovação” do kantismo em sua época.

Sobre o teor da “renovação” marburguesa falaremos no ponto seguinte. Antes disso, cabe pontuar que a esta altura, do ponto de vista de sua trajetória intelectual, o antigo pupilo de Cohen já havia dado demonstrações mais do que suficientes de sua erudição filosófica, de seu preparo metodológico e histórico, e de presença na atualidade filosófica com suas obras já publicadas: se o *Problema do conhecimento* lhe rendeu uma medalha de ouro Kuno-Fischer da Universidade de Heidelberg (Paetzold, 1995, p. 28), *Substância e função* lhe rendeu em 1913 um convite para dois anos de estada como professor visitante em Harvard, do qual Cassirer declinou. Vistas a partir dos objetivos deste texto, as duas obras referidas são os pilares metodológico e historiográfico, organicamente entrelaçados, a partir dos quais, anos mais tarde, será concebido *Kant - vida e doutrina*.

A grandiosa empreitada de edição das obras completas de Kant foi cumprida entre os anos de 1912 e 1918 por Cassirer em estreita colaboração com Cohen⁵. Dos dez volumes que compõem a coleção, Cassirer foi responsável especialmente pelos dois últimos, que reúnem as correspondências de e para Kant. Essa informação merece destaque porque em *Kant - vida e doutrina* as correspondências de Kant têm um papel fundamental para a exposição da gênese e do desenvolvimento do programa da filosofia crítica, se assim podemos descrever a abordagem da exposição de Cassirer. É com amplo recurso às cartas que Cassirer elabora sua reconstrução do sistema kantiano, cuja ênfase está claramente colocada no processo paulatino de construção da *Vernunftkritik*. O início do trabalho da IKW coincide com a aposentadoria de Cohen, que então passou a residir em Berlim e palestrar na *Akademie für die Wissenschaft des Judentums*; sua conclusão se dá no mesmo ano de sua morte, pouco antes da publicação de *Kant - vida e doutrina*. Este trabalho de edição acaba assim ganhando ares simbólicos. Por um lado, ela foi então a mais completa edição das obras do fundador da filosofia crítica; foi material de valor inestimável na historiografia kantiana, tendo por exemplo sido a primeira edição a publicar integralmente a primeira introdução à *Crítica da faculdade de julgar*. Por outro, veio a ser a última cooperação entre Cassirer e seu antigo professor; em certo sentido, o último trabalho da Escola de Marburgo como tal.

⁴ A título de esclarecimento, queremos acima dizer que, pelo menos a partir de *O método infinitesimal* (1883), a noção de *faktum* de Cohen já passa por uma modificação em direção àquilo que mais tarde Natorp vai chamar de *fieri*, o “sendo feito” em lugar do “feito”.

⁵ Cassirer assina como editor da coleção, que tem como colaboradores, além de Cohen, também Arthur Buchenau (editor dos vol. I, II, IV, VI, VIII), Otto Buek (vol. V, VIII), Albert Görland (vol. III), B. Kellermann (vol. VI) e Otto Schöndörffer (vol. VIII). Além dos volumes de cartas, Cassirer ainda participa das edições do vol IV, textos entre 1783 e 1788; e vol. VI, com textos entre 1790 e 1976.

Cassirer dedica *Kant - vida e doutrina* ao seu antigo professor. Escrita com esmerados recursos retóricos, a dedicatória é o lugar em que Cassirer faz convergir sua afeição pessoal pelo amigo e o reconhecimento franco e consciente do legado de seu mestre. Observa aí que para Cohen a “ideia fundamental” da crítica está expressa no *método transcendental*, ressaltando que isso significa conceber “a doutrina kantiana não como um todo histórico acabado, mas sim como expressão das *tarefas* perenes da filosofia, [...] não apenas uma potência histórica, mas sim um poderio vital imediatamente efetivo”. Esta ideia nuclear também pretendia ser capaz de fornecer o caminho para compreender “a ligação entre a filosofia kantiana e os problemas fundamentais gerais da vida espiritual alemã” (p. IX), tarefa designada por Cohen à IKW. *Kant - vida e doutrina* parece, de certa forma, tê-la cumprido.

b) A renovação da filosofia neokantiana

É largamente conhecido que o método transcendental é o eixo de articulação da Escola de Marburgo. Bem menos sabido é que essa noção metodológica se renova continuamente no decorrer dos anos de atividade da Escola (e mesmo depois de seu fim), segundo as contribuições de seus membros, na direção da efetivação de uma filosofia da cultura como totalidade da experiência humana. Em vez de recobrar os detalhes desse percurso, partiremos das declarações do próprio Cassirer sobre o método, com o fim de destacar sua presença na obra de 1918.

Assim como na dedicatória de 1918, Cassirer havia manifestado publicamente sua posição acerca das contribuições de Cohen para os estudos sobre Kant em *Hermann Cohen e a renovação da filosofia kantiana*, publicado na *Kant-Studien* em 1912. Lá Cassirer fornece uma visão sinóptica da obra de seu antigo professor, destacando a dedicação conferida à interpretação do sistema kantiano, mas procurando deixar claro desde a partida que Cohen sempre teve “posicionamento sistemático próprio”; nesta peculiar síntese das investigações históricas e sistemáticas da filosofia residiria a explicação para o impacto da interpretação de Cohen sobre Kant. Destarte, ainda que “na construção de seu próprio sistema, Cohen tenha se distanciado dos resultados de Kant em pontos particulares, a consciência metodológica que anima todas as suas realizações individuais só alcançou clareza e maturidade na perscrutação científica das obras fundamentais de Kant” (Cassirer, 2022, p. 113). Estas marcas podem ser encontradas mesmo nos trabalhos posteriores ao *Logik der reinen Erkenntnis*.

Cassirer procura inscrever Cohen ao mesmo tempo no decurso histórico da filosofia (e da ciência) e da interpretação de Kant. No primeiro caso, Cohen é, na história da filosofia alemã do século XIX, aquele que empreende uma *virada metodológica* capaz de superar de vez o “esquema geral do pensamento naturalista” (Cassirer, 2022, p. 114). Esse momento, para Cassirer, corresponde ao clímax do neokantismo⁶. “No desenvolvimento da filosofia do século XIX, este pensamento fundamental da metodologia ‘transcendental’ provou ser particularmente eficaz e frutífero” (Cassirer, 2022, p. 116). Ele passou de “um paradoxo diante do naturalismo e do psicologismo dominantes nos anos 1870” a um “bem comum do conhecimento científico” (Cassirer, 2022, p. 116).

⁶ A expressão mais direta e concisa feita por Cassirer sobre sua visão do desenvolvimento do neokantismo está no verbete que ele redigiu sob encomenda para a Enciclopédia Britânica em 1928. Lá ele afirma que “foi somente com Hermann Cohen que o neokantianismo atingiu seu clímax. Em suas três grandes obras sobre Kant: *Kants Theorie der Erfahrung* (1871/1885); *Kants Begründung der Ethik* (1877/1910); *Kants Begründung der Aesthetik* (1888), Cohen deu pela primeira vez uma interpretação crítica de todo o sistema kantiano que, com toda sua penetração nos detalhes específicos das doutrinas fundamentais de Kant, estabeleceu, no entanto, uma única ideia sistemática no centro da investigação. Esta ideia é a do ‘método transcendental’” (p. 311). Nota-se, portanto, que o método transcendental é tomado não apenas como um ponto central somente para Cohen ou para a sua escola, mas como o ponto de culminância do neokantismo como um todo.

A abordagem de Cohen pretende captar o núcleo fundamental da filosofia kantiana, sendo, nesses termos, fiel ao programa crítico de Kant; por outro lado, isso demanda não se fiar estritamente à letra do texto kantiano, mas sim sempre reatualizar a “conexão recíproca entre o momento lógico e o empírico do conhecimento” (Cassirer, 2022, p. 118), confrontando o núcleo da filosofia crítica com os avanços científicos especialmente no campo da física. Bem entendido, interpreta-se aqui o sistema kantiano não como “um material de pensamento morto e indiferente que deveria ser decomposto [...] em um jogo desinteressado de conceitos” (Cassirer, 2022, p. 113), mas sim busca-se reconstruí-lo a partir de suas “forças motrizes originais” (Cassirer, 2022, p. 114). “As exposições de Cohen [...] não significam tanto uma simples reprodução como uma intensificação e prossecução consciente dos pensamentos fundamentais de Kant” (Cassirer, 2022, p. 122). Nas palavras do próprio Cohen, lemos que o método transcendental serve

[...] tanto para expandir de modo independente o fundamento redescoberto e restabelecido no espírito do precursor do método transcendental, quanto para levar a cabo a construção de acordo com o projeto fundamental do sistema, sob livre inspeção de cada bloco de construção individual; com exame irrestrito da suficiência de cada um deles; com o direito indiscutível de inserir quaisquer conceitos em falta, bem como de remover os falsos (Cohen, 1912 *apud* Cassirer, 2022, p. 123).

Desse modo, a direção da investigação neokantiana se configura como estreitamento dos laços entre a filosofia e a ciência, afinal é a concepção de que o legado de Kant é uma “teoria da experiência”, e que cabe à filosofia transcendental investigar as condições de possibilidade do *fieri* da ciência, que dá concretude ao método como relação recíproca entre os momentos lógico e empírico do conhecimento e permite (ou demanda) sua reatualização constante. Se é verdade que esta abordagem parte da configuração do problema segundo as ciências matemáticas da natureza, é também igualmente verdadeiro que ela progride continuamente para além desses limites⁷. A própria configuração do método eventualmente passa por atualizações segundo o desenvolvimento do programa – é justamente o que ocorre tanto na obra de Cohen após a publicação, em 1883, de *O método infinitesimal e sua história* como também na recepção e aplicação que Natorp e Cassirer farão dele. Não reconstruiremos os detalhes do desenvolvimento dessa concepção metodológica em Cohen e Natorp, mas precisamos pelo menos destacar que no momento da concepção de *Kant - vida e doutrina* ele já não é tomado apenas como a expressão consagrada no livro inaugural de Cohen, como partir do *Faktum* das ciências da natureza e buscar por suas condições de possibilidade, mas já internalizou e digeriu o aporte do método infinitesimal, a substituição do *Faktum* pelo *fieri* e não supõe mais dois pólos estáticos da subjetividade e da objetividade, mas uma correlação recíproca e dinâmica entre subjetivação e objetivação que já encetava o horizonte da pluralidade de objetividades que se estabelece na *Filosofia das formas simbólicas*. Todos esses elementos conferem maior dinamicidade para a realização da tarefa infinita da experiência e o adequam melhor a campos novos de experiência.

⁷ Este método poderia ainda ser explicitado em seus pormenores procedimentais. Vale-nos ao menos levar em conta que ele acarreta uma virada para a objetividade na crítica do conhecimento (em certo sentido numa via próxima ao que fazia a fenomenologia de então): ele “não trata de representações e processos no indivíduo pensante, mas da conexão de validade entre princípios e ‘proposições’, que como tal devem ser estabelecidos independentemente de qualquer consideração do exercício subjetivo-psicológico do pensamento” (Cassirer, 2022, p. 116). É preciso mencionar o fator de que a concepção de ciência de Cohen aí, também em sua expressão histórica, é comumente reportada como estreita. Cohen teria compreendido por ciência apenas as ciências matemáticas da natureza, etc. Essa é a deixa para o argumento de que Cassirer “ampliaria” o programa de uma crítica do conhecimento para uma crítica da cultura. Sobre a interpretação estreita do método como relativo apenas ao conhecimento científico e teórico, cf. Luft (2015, p. 48 ss).

A imagem da filosofia de Cohen fornecida por Cassirer neste artigo de 1912 crava decididamente o método transcendental como seu núcleo. É ele que balizará a reconstrução histórico-sistemática do programa crítico levada a cabo de “um ponto de vista supremo unitário a partir do qual os detalhes do sistema devem ser esquadrihados e compreendidos como um verdadeiro todo” (Cassirer, 2022, p. 113). Nesta configuração, o sistema kantiano passa a ter mais o aspecto de um organismo dinâmico do que o de uma construção fixa, uma mera doutrina, no limite. É neste sentido que, anos mais tarde, no início do debate com Heidegger, Cassirer defende seu antigo professor da má compreensão de seu interlocutor e define sua própria abordagem do neokantismo como “funcional”: um direcionamento na colocação da questão, não um corpo doutrinário. Este ponto é fundamental para compreender a tensão que se estabelece entre o princípio inscrito na virada copernicana e a sua expressão nos textos de Kant, bem como para a compreensão do dinamismo interno característico da filosofia neokantiana de Marburgo.

Aqui se configura, portanto, um Kant caracteristicamente neokantiano, evidentemente muito mais complexo do que o que se pode perceber pela caricatura estampada por Heidegger. Visto por este prisma, a filosofia neokantiana fornece um programa filosófico-acadêmico talhado para a interlocução contínua com as ciências particulares. Em sua direção própria de investigação, Cohen faz da *crítica da razão* uma *crítica do conhecimento*; passa-se da *Vernunftkritik* para a *Erkenntniskritik*, e a divisa dessa passagem é o método que permite o progresso contínuo da experiência (ou da relação entre a filosofia e as ciências empíricas). Dada a clara feição e predileção pelo processo dinâmico, não seria difícil asseverar que Cohen estabelece uma visão fundada num *princípio sistemático-metodológico*, mais do que num método acabado, simplesmente. É este o espírito do projeto de publicação da IKW, concluído com *Kant - vida e doutrina*.

Vale ainda dizer que, no contexto em que escreve, Cassirer confronta a obra de Cohen com as correntes interpretativas em voga; afirma que “os trabalhos de Cohen se colocam fora do campo de interesse de qualquer mera ‘filologia kantiana’” (Cassirer, 2022, p. 113). É esta que conceberia o sistema kantiano como um “material de pensamento morto” e que, pela via trilhada, ameaçava reduzir o sistema a um agregado de contradições. Ainda que Cassirer consigne valor à empreitada da dita filologia kantiana e reconheça a exigência de se levar em conta seus resultados, há aqui uma incompatibilidade interpretativa insuperável, declarada tanto no artigo de 1912 como ao longo de *Kant - vida e doutrina*. Esta incompatibilidade já se pode vislumbrar pela concepção dinâmica da obra de Kant que expusemos até aqui. Mas ela se acentua ainda mais no texto de 1918, em que Cassirer explora largamente a gênese das *críticas*. Um exemplo basta para transmitir o teor da questão. Note-se o destaque à elaboração metodológica como elemento central na elaboração do projeto kantiano:

Nas décadas de meditação mais afastada e solitária, nas quais Kant estabeleceu para si seu método e suas questões peculiares, ele se afastara gradualmente cada vez mais das pressuposições fundamentais comuns sobre as quais o pensamento filosófico e científico da época se apoiava como num acordo tácito. Mas ele ainda falava livremente a língua dessa época; ele ainda usava os conceitos que ela cunhou e as classificações escolares que ela aplicava em seus manuais de ontologia, de psicologia racional, cosmologia e teologia. [...] Com efeito, ele frequentemente prefere recorrer a esses meios porque espera encontrar neles, o mais rapidamente possível, uma conexão com o universo conceitual familiar do leitor (Cassirer, 2021, p. 137).

Por conta disso, prossegue Cassirer, “se levarmos em conta apenas a forma externa que Kant deu aos seus escritos, então nada nos parece mais nítido que diante de nós se desdobra um sistema doutrinário *acabado*, fixo e fechado no todo e em todos os seus pormenores” (Cassirer,

2021, p. 138). A abordagem genética, por outro lado, permite ver o processo de consolidação dos conceitos no sistema. Para esta abordagem,

[...] os conceitos se tornam outros e outros, de acordo com o lugar em que eles estão na construção progressiva sistemática do todo. Eles não são como substratos inertes do movimento do pensamento desde o início, mas eles se desenvolvem e se fixam somente nesse próprio movimento. Quem não leva em conta esse traço, quem acredita que o significado de um determinado conceito fundamental seja esgotado em sua primeira definição, e quem busca mantê-lo nesse sentido como imutável, como intocável no decorrer do progresso do pensamento, deverá necessariamente equivocar-se em sua interpretação (Cassirer, 2021, p. 138).

Se no artigo de 1912 Cassirer já é capaz de estabelecer uma base crítica à corrente interpretativa filológica a partir dos potenciais contidos na abordagem coheniana da *crítica da razão*, em *Kant - vida e doutrina* ele desenvolve essa abordagem para, com riqueza de detalhes, reconstruí-la histórico-sistematicamente. Como notamos acima, o foco no método transcendental é o recurso para superar as limitações impostas por uma leitura filológica seca; a primazia do método é portanto um recurso interpretativo e investigativo, ele faz as vezes tanto de tema como de forma da exposição, como pretendemos defender a seguir.

3 Operacionalização e desdobramento do método transcendental em *Kant - vida e doutrina*

No prefácio de *Kant - vida e doutrina*, Cassirer esclarece que sua obra foi originalmente concebida como um volume de “comentário e adendo” à IKW. Em seguida ele exprime os objetivos da obra, como se segue: “este texto gostaria de apontar um caminho que conduz da periferia ao cerne do sistema crítico [...], expor [...] apenas o contorno do sistema [...] [e] resgatar uma visão de conjunto sobre Kant e sua doutrina, tal como a tiveram Schiller ou Wilhelm von Humboldt” (Cassirer, 2021, p. vii). Os dois objetivos enunciados notadamente se referem às duas grandes dimensões da obra: a *doutrina* do sistema crítico e a *vida* de seu autor, ambas abordadas em estreita interrelação. Antes disso, voltemos à concepção metodológica obliquamente presente no “apontar um caminho” para expor “o contorno do sistema” da citação acima.

Ao reconstruir através do princípio metodológico de Marburgo uma via de acesso e um percurso para a *Vernunftkritik*, Cassirer também entretece aí o arco metodológico que vai de Kant, via Cohen, até ele mesmo. Dizemos com isso que na execução desta obra Cassirer também busca uma interpretação própria, de modo nenhum a mera reedição da interpretação de Cohen, ainda que, do ponto de vista do “direcionamento da colocação da questão”, da estruturação da exposição sobre o sistema crítico, não se possa afirmar, de partida, que haja alguma diferença que redunde em incompatibilidade em relação à concepção do patrono da Escola de Marburgo. Por outro lado, nesta obra chegamos ao limiar do projeto capital de Cassirer, a *Filosofia das formas simbólicas*, o que significa dizer que estamos às voltas com a “ampliação do campo epistemológico” (Cassirer, 2001, p. 1) que o programa da filosofia da cultura de Cassirer promove em relação ao programa da escola de Cohen. Voltaremos posteriormente a este ponto.

O ponto a se destacar em *Kant - vida e doutrina* é que sua concepção é inteiramente estruturada a partir do método transcendental: desde o processo progressivo e paulatino de constituição desse método - ou da própria filosofia crítica - até seu estabelecimento e desdobramento na *Vernunftkritik*. O processo de constituição do método é abordado sobretudo no segundo capítulo, intitulado “Os anos como *Magister* e o início da doutrina kantiana”; sua efetivação e des-

dobramentos são apresentados nos capítulos dedicados respectivamente a cada uma das três críticas: “A construção e os problemas fundamentais da *Crítica da razão pura*”; “A construção da ética crítica” e “A *Crítica da faculdade de julgar*” (respectivamente, capítulos III, V e VI).

a) O estabelecimento do método transcendental

No que concerne ao desenvolvimento do pensamento de Kant até a culminância na publicação da primeira crítica, Cassirer aborda cada momento significativo da constituição metodológica da filosofia transcendental. Com efeito, ele busca já no *Pensamentos sobre a verdadeira estimativa das forças vivas* o primeiro vestígio da importância que o método ocuparia no processo intelectual de Kant; afirma que “o primeiro passo que Kant deu no campo da filosofia da natureza se transformou imediatamente numa investigação sobre o *método* da filosofia da natureza” (Cassirer, 2021, p. 22). Na contenda sobre o conceito de força leibniziano e as ameaças a ele vindas da concepção geométrica de Descartes e da mecânica de Newton, Cassirer identifica um deslocamento do centro da discussão, que passa de um campo puramente fisicalista para um campo metodológico: não se tratava mais da descoberta e determinação de fatos isolados, mas da interpretação dos fenômenos ligados ao movimento, dos “*princípios* sobre os quais se ergue o exame da natureza” (Cassirer, 2021, p. 22). Kant teria colocado sua questão a partir dessa tarefa metodológica geral, que contesta não tanto o resultado obtido por Leibniz quanto o “*modus cognoscendi*”. A centralidade da questão metodológica é respaldada com a citação da seguinte passagem do texto inaugural de Kant:

Deve-se ter um método por meio do qual se possa examinar, em todos os casos, através de um exame dos princípios sobre os quais uma dada opinião é construída, e através da comparação desses mesmos princípios com as consequências deles extraídas, se também a natureza das premissas contém em si o que é exigido no exame das proposições delas deduzidas. [...] Numa só palavra: todo esse tratado deve ser pensado como uma única e simples criação desse método (Kant, GSK, 1: 93s. *apud* Cassirer, 2021, p. 23).

Cassirer tem consciência de que um longo percurso separa essa primeira afirmação daquela que encontramos na primeira crítica, que define a obra como um “tratado do método”. O que importa aqui é apenas indicar que “já havia brotado nele [em Kant] a dúvida sobre a consistência e a solidez da metafísica escolar” (Cassirer, 2021, p. 24). Com base nisso, Cassirer então pode afirmar que é “na mudança no sentido dessa definição [...] encontramos toda a sua filosofia e seu desenvolvimento” (Cassirer, 2021, p. 23). Com efeito, a exposição do supracitado segundo capítulo de *Kant - vida e doutrina* parece ser estruturada a partir da reconstrução da mudança de sentido da concepção metodológica encetada já no primeiro texto de Kant. Ademais, o percurso em questão não é linear e cumulativo, meramente, mas um processo repleto de irregularidades e reviravoltas.

Por mais metódico que seja este trabalho em seus temas mais profundos, pouco se vê de simples, regular e ‘linear’ em seus resultados. Por toda a parte encontramos pontos em que seu pensamento, estando prestes a chegar a uma determinada conclusão, toma repentinamente um movimento de recuo. Um problema é admitido, esquadrinhado e sua solução encaminhada – mas, de repente, mostra-se que as condições sob as quais se trabalhava de início não se provaram apropriadas e suficientemente completas e que, por isso, não se trata de corrigir um passo específico da solução, mas de reformular completamente o modo de questionamento. A despeito das reticências habituais quanto a questões referentes ao seu desenvolvimento interior, as cartas de Kant sempre relatam semelhantes “reviravoltas”. Aqui não se constrói um conjunto completo de conceitos

gradualmente segundo um progresso contínuo e ininterrupto, mas, sim, novos fios parecem sempre se juntar para logo em seguida serem cortados. Se, como resultado da conclusão dos traços fundamentais da doutrina crítica, Kant sustenta e defende com inquestionável convicção cada um dos seus princípios essenciais, a época da sua preparação é, antes, marcada por uma certa indiferença quanto a tudo que fosse mero “resultado” (Cassirer, 2021, p. 89).

Com isso, Cassirer procura enfatizar o pendor investigativo da atividade intelectual de Kant. É essa a característica marcante que permitirá reconstruir um percurso desde as primeiras obras de Kant, sem, contudo, deixar de reconhecer as reviravoltas decorrentes do próprio processo de investigação. Desse modo, a “supreendente virada completa” que ocorre entre os anos 1766 e 1770 e apresenta uma nova imagem do mundo sensível e inteligível como que surgida “do nada” (Cassirer, 2021, p. 92), pois que não recorre aos *resultados* de seus primeiros projetos e ensaios, pode, contudo, ser vinculada aos primeiros *problemas* investigados por Kant.

Cassirer descreve o movimento do percurso de Kant como tendo partido do cosmos espacial, sobretudo na primeira década de atividade docente, e se deslocado gradualmente até o cosmos “intelectual”; da “experiência exterior” para a “experiência interior”. Trata-se, portanto, de um movimento que aos poucos chega ao discernimento nítido entre o mundo sensível e o mundo inteligível, ao longo do qual o próprio sentido da metafísica se esclarece e determina no confronto com a física e a matemática.

Já desde a *História natural universal e teoria do céu* se nota a tensão metodológica em relação às compreensões escolares sobre o “empírico” e o “racional” acerca da validação do conhecimento: a obra apresenta “uma correlação contínua entre empiria e teoria, entre ‘experiência’ e ‘especulação’” (Cassirer, 2021, p. 43). Mas nessa obra Kant ainda emprega indistintamente procedimentos da indução em ciências naturais, de medição e cálculos matemáticos e do pensamento metafísico.

A estrutura do mundo material e as leis universais do movimento que nele imperam serviram de base para a prova de Deus, assim como partindo de um cálculo sobre as diferentes densidades dos planetas saltavam inesperadamente pensamentos que especulam sobre a diferença corporal e espiritual dos seus habitantes e que sondam a imortalidade. Dado que a visão causal e a teleológica ainda se mesclavam completamente nessa obra, a intuição da natureza conduzia sem rodeios a uma doutrina da destinação do ser humano que, por sua vez, encontrava sua expressão final em determinadas proposições e exigências metafísicas (Cassirer, 2021, p. 50s).

Aquilo que na *História natural universal e teoria do céu* ainda se encontra misturado passa a ser metodologicamente discernido nas obras posteriores. A identificação do flanco fraco na confusão entre teleologia “material” e “formal”, ou de “conformidade a fins” interna e “intencionalidade” externa é o que vai levar ao estabelecimento de um novo ponto de partida no *Único argumento possível para a demonstração da existência de Deus*. Este se encontra

[...] não no reino das *coisas* empíricas e contingentes, mas no reino das *leis* necessárias, não no âmbito do que existe, mas no âmbito das meras ‘possibilidades’ [...] nesse texto a diferença entre ‘realidade’ e ‘possibilidade’ remonta à distinção metódica mais profunda entre conhecimentos ‘contingentes’ e ‘necessários’, entre ‘verdades factuais’ e ‘verdades racionais’. As verdades racionais, às quais pertencem todas as proposições de lógica e matemática, são independentes do repatório das coisas particulares existentes, pois não exprimem o particular que existe no presente atual, num determinado lugar no espaço e num dado ponto no tempo, mas sim as relações de caráter universalmente válido que são obrigatórias para todo conteúdo particular (Cassirer, 2021, p. 56).

Segundo Cassirer, Kant teria invertido o caminho da prova ontológica, porque não parte do conceito do ser perfeitíssimo e infere sua existência, mas parte do sistema das verdades eternas e, a partir da análise progressiva, chega ao ser absoluto como uma *condição de possibilidade* desse sistema. E assevera: “temos aqui diante de nós um prelúdio do ‘método transcendental’ ainda por vir, pois a justificação final para o estabelecimento da existência como posição absoluta reside no fato de que sem isso a possibilidade do conhecimento seria inconcebível” (Cassirer, 2021, p. 60).

O delineamento inicial da distinção entre os campos das coisas contingentes e das leis necessárias, das verdades factuais e racionais, etc., conduzirá à delimitação dos âmbitos dos fatos da física, da matemática e da metafísica, “pois o objeto da metafísica não constitui tanto a experiência externa como a ‘experiência interna’, seu tema sendo formado não por corpos e seus movimentos, mas por conhecimentos, atos de vontade, sentimentos e inclinações” (Cassirer, 2021, p. 63). Disso se segue a discussão sobre se a metafísica pode proceder *shinteticamente*, construtivamente, tal como o faz a matemática. A resposta negativa vai destacar que o pensamento metafísico “não é progressivo-dedutivo como na geometria [...], mas regressivo-inferencial, em que as possíveis ‘razões explicativas’ para um conjunto de fenômenos são buscadas a partir das condições que resultam de um conjunto de fatos existentes” (Cassirer, 2021, p. 67), ou seja, não de ordem puramente lógica e meramente conceitual. A crítica ao método da metafísica conduz a uma modificação significativa, qual seja, a de que “a metafísica continua a ser uma ciência, só que não mais uma ciência sobre as coisas de um mundo suprassensível e sim sobre os limites da razão humana” (Cassirer, 2021, p. 78). Este novo ponto de partida do problema conduz ao núcleo da tarefa a que se lança a *Dissertação inaugural* de 1770, com a consolidação da distinção entre os mundos sensível e inteligível. Cassirer sumariza assim o progresso intelectual que leva aos resultados apresentados na *Dissertação*:

Sabemos que Kant tomou conhecimento dos *Novos Ensaios sobre o Entendimento Humano* de Leibniz nessa época; que ele formula na esteira deles uma teoria dos conceitos intelectuais puros na qual inicialmente espaço e tempo se colocam de imediato ao lado dos puros “conceitos da razão”, dentre os quais o de substância, causa, possibilidade, necessidade, e que apenas aos poucos teve início a separação nítida dos “conceitos elementares da sensibilidade”, os “conceitos puros das intuições”. Podemos acompanhar como ele, apoiando-se em particular nos escritos de Euler e em vista da discussão entre Leibniz e Clarke, procurou resolver por si mesmo o conflito entre o “matemático” e o “metafísico” acerca do problema do espaço e tempo; mas também como ele incorre nessa ocasião em contradições dialéticas cada vez mais profundas até que finalmente no ano de 1769 o problema geral das antinomias se torna visível em seu significado mais decisivo. Com esta formulação nítida da questão ele ofereceu ao mesmo tempo a nova solução. A “tese” e a “antítese” das antinomias só podem ser reunidas caso se compreenda que ambas se referem a mundos diferentes. Estabelecer a divisão entre estes dois mundos e com isso fundá-los e assegurá-los verdadeiramente em si mesmos é o que constituirá daqui por diante a tarefa apropriada à metafísica (Cassirer, 2021, p. 110).

Em seguida, destaca novamente a posição central do método: “Não vale para ela [a metafísica], [...] que ‘o uso dê o método’, como é o caso com outras ciências [...] a questão de método é o único começo legítimo e apropriado para todo conhecimento: ‘*Methodus antevertit omnem scientiam*’” (Cassirer, 2021, p. 110)⁸.

Sabemos também que esse foi só o início das realizações originais de Kant como pensador e escritor; que após a *Dissertação* ocorre a inflexão decisiva para os rumos da filosofia

⁸ A citação latina diz: “O método precede toda a ciência”.

crítica – não seria demais dizer que a própria Dissertação inaugural é apenas outro novo ponto de partida, como os demais que mencionamos acima (e como cada uma das críticas também o será, de certa forma). Segundo interpretação de Cassirer, baseada na análise da correspondência entre Kant e Marcus Herz ao longo da década de 1770, o que se mantém é o *procedimento* fundamentado na Dissertação, ao passo que se revogava o *resultado* ao qual se havia chegado (Cassirer, 2021, p. 119). As críticas à idealidade do espaço e do tempo, especialmente formuladas por Lambert e Mendelssohn, são o ensejo para a distinção entre o idealismo “psicológico” e o nascente idealismo *transcendental*. O eixo de gravitação do problema se desloca da oposição entre mundo sensível e inteligível para a distinção entre sensibilidade e razão (esta última tomada em sentido abrangente, pois que a esta altura já compreende expressamente os problemas fundamentais da moral e da estética)⁹.

Há ainda uma série de detalhes sobre o processo de elaboração da *crítica* que Cassirer reconstrói, mas que fogem ao escopo de reconstrução dos pontos relativos à constituição do método transcendental. Com efeito, depois do foco na distinção entre sensibilidade e razão havia ainda a necessidade de organizar sistematicamente os conceitos da razão pura segundo as leis do entendimento, bem como de modificar a forma do questionamento em relação à validade objetiva do conhecimento para que ele seja respondido com base no próprio conhecimento e à luz das condições e limites peculiares da razão. Estes últimos são os componentes que constituem a “revolução do modo de pensar” – a consolidação do método transcendental.

b) O método transcendental na exposição da interpretação da Vernunftkritik

Como dissemos acima, Cassirer dedica um capítulo de *Kant - vida e doutrina* para cada *crítica*. No caso das duas primeiras, o enfoque está no processo de *construção*, como já se nota pelo título. Nesses dois capítulos, Cassirer apresenta os principais problemas e conceitos da crítica, conforme o objetivo de introduzir o leitor às “ideias estruturantes fundamentais do sistema kantiano” (Cassirer, 2021, p. vii). Esses capítulos não tematizam o método transcendental como eixo de compreensão do programa crítico; isso já fora realizado no artigo *Hermann Cohen e a renovação da filosofia kantiana*. Em vez disso, percebe-se seu uso como elemento estruturante da exposição, que, no caso da primeira crítica, passa pelos mesmos pontos da exposição do segundo volume do *Problema do conhecimento*. Nestes termos, o que encontramos nesses dois capítulos é essencialmente concordante com a abordagem de Cohen, ainda que apresente características próprias da abordagem de Cassirer. Já o capítulo dedicado à *Crítica da faculdade de julgar* – tido pela recepção como o capítulo mais original da obra – é aquele em que Cassirer realiza o deslocamento do centro de gravidade em relação à concepção anterior da Escola de Marburgo e o leva ao limiar da *Filosofia das formas simbólicas*.

A exposição cassireriana da *Crítica da razão pura* centra as atenções no estabelecimento do conceito de *transcendental*, na nova concepção de *subjetividade*, na síntese *a priori* e nas

⁹ Na verdade, já quando lida com o *Sonhos de um visionário*, Cassirer destaca a presença e relevância da dimensão moral da problemática kantiana. Com efeito, ele já havia pontuado essa presença desde *Teoria do céu* e afirma que não só esse escrito, mas sim “toda a orientação científica natural da próxima década é conduzida por um abrangente interesse ético-espiritual” (1918, p. 45), como se pode notar na notícia sobre a organização das preleções dos anos de 1765-66. Assim, ao lado do paulatino discernimento dos problemas teóricos, e em conexão com eles, Kant tem já desde então uma preocupação com a razão prática que também ganha progressivamente seu contorno próprio. Cassirer recorre a aproximações de ordem metodológica entre Newton e Rousseau para interpretar a recepção do genebrino por Kant; destaca os aspectos de ordem e legalidade contidos na noção rousseauista de natureza e afirma que, com ela, ele teria buscado estabelecer “a norma moral objetiva das inclinações e ações humanas” (1918, p. 84). Isso também representa uma mudança significativa de orientação em relação à metafísica da época e fez emergir “uma exigência categórica para uma nova fundamentação da ética” (1918, p. 85).

deduções objetiva e subjetiva das categorias. A abordagem reconstrutiva, partindo do “primeiro germe” da crítica da razão que se encontra na carta a Herz de 1772, tem como um dos objetivos centrais estabelecer um contraponto à interpretação da filologia kantiana, como já dissemos. Com esse fito, Cassirer recobra os aspectos de vivacidade do pensamento kantiano sobre os quais já nos detivemos acima. A reconstrução do processo de elaboração da filosofia crítica desde a linguagem e as estruturas conceituais que Kant encontra no pensamento de seu tempo é aqui transposta para a compreensão da própria filosofia crítica como algo vivo, não como um sistema doutrinário acabado. O método – não o sistema – é o elemento estruturante dessa reconstrução, o novo ponto de partida ao qual Kant finalmente chega depois de inúmeras tentativas, representado pela metáfora da revolução copernicana do modo de pensar. Como bem se sabe, essa metáfora condensa o processo que permitiu a Kant chegar a um ponto de vista propriamente distinto daqueles disponíveis na filosofia e na ciência de seu tempo, tanto de matriz empirista quanto racionalista, e reconsiderar não apenas o *objeto* da metafísica, mas também e sobretudo sua *questão*.

Dessa forma, o estabelecimento da filosofia transcendental, a transformação da ontologia em analítica do entendimento, implica uma modificação profunda na própria concepção de objetividade e de subjetividade. A elucidação do que vem a ser um “objeto da representação” conduz à unidade da apercepção como condição de possibilidade para a unidade da regra que constitui o conceito de um objeto. Concomitantemente ao novo conceito de objetividade, Cassirer se preocupa em expor o novo sentido da subjetividade. Com efeito, ele ressalta que os conceitos de transcendental e de subjetividade só podem ser compreendidos em sua mútua determinação. Após apresentar a definição mais conhecida do conceito de transcendental como aquele que se ocupa não tanto dos objetos, mas do modo de conhecer objetos, na medida em que este deve ser *a priori*, Cassirer esclarece a especificidade do conceito de subjetividade derivado da virada copernicana: ela indica o ponto de partida na “legalidade específica do conhecimento à qual deve ser atribuída uma determinada forma de objetividade”, seja ela teórica, ética ou estética; o conceito de subjetividade “é sempre a expressão para o que é fundamentado num procedimento necessário e numa lei universal da razão” (Cassirer, 2021, p. 147).

Este ponto é muito caro ao neokantismo marburguês, pois que condensa os embates travados com o psicologismo que marcam seu surgimento e consolidação como corrente própria. Como se sabe, a Escola de Marburgo formula uma concepção não psicologista da subjetividade, derivada da reformulação do conceito de *a priori* que visa libertá-lo de qualquer conotação antropologizante para entendê-lo em sentido puramente lógico, plasmado na ciência, na lógica da ciência. Historicamente, esse embate foi travado tendo como alvos os psicologismos de Fries, Beneke, Lange e Helmholtz; é nesse sentido que Cohen estabelece uma virada metodológica na compreensão da obra kantiana, como aponta Cassirer. Essa interpretação do giro copernicano deixa clara a preocupação com a determinação das funções cognitivas das quais a razão dispõe e procura apresentá-las em seu modo de validade necessário, mas também determinado e delimitado. É dizer: existem necessidades imanentes da razão e, por conseguinte, pretensões de validade objetivas; essa objetividade não é compreendida em termos ontológicos, mas abrange também a necessidade que se exprime nos juízos éticos e estéticos – nos quais a subjetividade também não pode ser compreendida como arbitrariedade individual.

Começar com a peculiaridade da *função* do conhecimento para determinar nela a peculiaridade do *objeto* do conhecimento: essa é a “subjetividade” que aqui se põe em questão. Como o conjunto dos números é deduzido do “princípio” da contagem, a ordem dos objetos no espaço e os acontecimentos no tempo são deduzidos dos princípios das condições de possibilidade do conhecimento da experiência, das

“categorias” da causalidade e da reciprocidade – do mesmo modo, em outro campo de questões, a forma dos imperativos éticos, sobre os quais repousa todo o dever para nós, deve ser tornada compreensível a partir da certeza fundamental que se encerra em nós no pensamento da liberdade. Uma confusão dessa subjetividade da “razão” com a subjetividade da arbitrariedade ou da “organização” psicofísica não é mais possível, pois é precisamente para que esta seja suprimida que aquela é assumida e evidenciada (Cassirer, 2021, p. 147).

Assim, “objetivo” nas ciências serão seus teoremas, ao passo que “subjetivo” serão seus princípios. A geometria, por exemplo, é considerada objetivamente quando leva-se em conta seus conteúdos puramente teóricos como um conjunto de proposições sobre estruturas e relações espaciais; ela é considerada subjetivamente quando se investiga os princípios de construção espacial como tal.

Vale-nos dizer que a especificidade da abordagem antipsicologista marburguesa levou Cohen a cunhar o termo *Bewußtheit* – consciencialidade – em distinção à consciência (*Bewußtsein*). Ele atrela a questão da consciencialidade à antiga metafísica, portanto, superada desde o giro copernicano: “Consciencialidade é mito; consciência é ciência” (Cohen, 1902, p. 366). E de maneira concisa e contundente, assevera:

Consciência não é consciencialidade. Esta não pode ser entendida; não se pode questioná-la. A psicofísica, no entanto, depende desta questão e está enraizada neste interesse imaturo. Quem uma vez tenha reconhecido a consciência pura e seus complementos legais na realidade infinitesimal, compreendeu nela a mais alta abstração à qual a ciência se elevou, a fim de se libertar do mito, desde que ela concebera a matéria como a primeira produção da consciência pura. Foi um longo caminho que a ciência teve que percorrer desde a primeira matéria até a realidade infinitesimal. É uma recaída não metódica começar tudo de novo a partir desta característica da consciência pura, e aparentemente com seus meios, e levantar a questão da consciencialidade. A consciência pura produz e garante a possibilidade; a consciencialidade está além dela (Cohen, 1902, p. 389).

Natorp segue a distinção de Cohen, com o fito de estabelecer uma teoria da subjetividade não-psicologista. Em seu *Introdução à psicologia segundo o método crítico*, a distinção proposta por Cohen se sedimenta na superação da noção *substancial* da consciência, abrindo a via para que ela seja entendida simplesmente como *fenômeno* e, por conseguinte, como *função*. “Temos que olhar aqui a ‘consciência’ não como uma coisa, uma causa ou uma força, em suma, um princípio explicativo, mas puramente como um fenômeno, e de fato como o fenômeno básico da psicologia [...] Consciência [*Bewusst-sein*] significa estar consciente de si [*Sich-bewusst-sein*]” (Natorp, 1888, p. 11s). Destarte, o *eu* pressuposto na consciência não é um algo autossustentado, mas um ponto de referência unificador de seus atos; os conteúdos da consciência também não são substanciais, mas sim o polo complementar do subjetivo. A tônica passa a residir na função entre os dois pólos, na relação concrescente de subjetivação/objetivação que se dá na experiência.

Cassirer pressupõe a distinção de Cohen e o aprofundamento de Natorp em sua interpretação de Kant. Ele destaca que o “entendimento” não deve ser tomado

[...] em sentido empírico, como a capacidade psicológica de pensar do homem, mas em sentido puramente transcendental, como o todo da cultura intelectual. Ele representa só aquele conjunto que nós designamos com o nome de “ciência”, e suas pressuposições axiomáticas, em seguida, entretanto em sentido ampliado, representa todas aquelas “ordens” intelectuais, de tipo ético ou estético que são apresentáveis à razão e realizáveis através dela (Cassirer, 2021, p. 150).

“Cultura” aqui, e desde Cohen, é a direção limite para a qual aponta a experiência. Na passagem acima, temos uma antecipação bastante clara daquilo que Cassirer chamará mais tarde de “ampliação do campo epistemológico” que transforma a crítica da razão em crítica da cultura. Se a cultura já era desde Cohen o horizonte da filosofia transcendental, é apenas com Cassirer que ela chega à sua plena maturidade metodológica, na medida em que consolida a pluralidade da objetividade em função da delimitação de cada forma simbólica como estrutura autônoma – ou seja, produtora de seu próprio campo de objetividade e de seus critérios de valoração. Tomamos isso como o ponto de fuga da exposição do programa crítico em *Kant - vida e doutrina*, na medida em que o lugar privilegiado conferido à experiência pode ser lido como o esboço da estrutura básica da *Filosofia das formas simbólicas*. Isto é o que chamamos de movimento de superação do paradigma de Cohen, que, se pode ser entrevisto no capítulo sobre a primeira crítica, fica mais claro no capítulo sobre a terceira crítica.

Gostaríamos aqui de insistir na unidade do programa crítico apresentada nos capítulos dedicados às críticas da razão pura e prática. No início do capítulo A construção da ética crítica, Cassirer procura inicialmente assegurar que a *Crítica da razão prática* não foi acrescentada posteriormente, como um mero desdobramento sistemático da *Crítica da razão pura*; em lugar disso, ele defende que “os problemas éticos são seus componentes essenciais e integradores desde o primeiro momento em que sua doutrina fora concebida como um todo independente” (Cassirer, 2021, p. 224). E para corroborar essa posição, retoma passagens – já aludidas no capítulo II – do escrito premiado de 1763, da notícia sobre a organização das preleções de 1765-1766, da recepção de Rousseau e sua influência no pensamento de Kant. De modo geral, nesse capítulo Cassirer apresenta os elementos centrais da ética erigida por Kant, dando destaque à concepção de autonomia, através do qual ele expõe a transposição do método crítico desde a esfera teórica para a esfera prática.

O recorte genético mostra como o processo de consolidação da virada copernicana foi de fato uma revolução no *modo* de pensar. Contrastar a ética kantiana com a teoria dos sentimentos morais serve ao propósito de mostrar a estrutura em desenvolvimento dessa revolução no campo do pensamento moral. Aqui está em jogo a contestação da psicologia e da antropologia empíricas da época enquanto campo para a fundamentação da moral. A própria noção de *natureza* humana de Rousseau, que exerce influência decisiva sobre Kant, precisa passar por uma reformulação guiada metodologicamente, uma vez que nela estavam misturados indistintamente um conceito de ser e um conceito normativo e ideal.

A natureza [para Rousseau] é tanto o estado original do qual o ser humano saiu como a meta e fim ao qual ele deve retornar. Para o intelecto analítico de Kant esta confusão não pode permanecer. Ele distingue “ser” e “dever” também onde ele parece basear este naquele. E quanto mais nítida e claramente essa distinção tomava forma para ele, mais ele progredia na análise crítica do conceito de verdade pura; mais definidamente ele separava também no campo puramente teórico a questão sobre a origem e a gênese dos conhecimentos da questão de seu valor e sua validade objetiva (Cassirer, 2021, p. 227s).

Assim como a revolução no modo de pensar institui um *a priori* puro do saber teórico, institui também um *a priori* da moralidade. Assim como a *Crítica da razão pura* estabeleceu que a objetividade do conhecimento não se funda nos dados materiais sensíveis, a *Crítica da razão prática* vai buscar um fundamento de objetividade que não pode estar no objeto, mas na espontaneidade da razão.

À “afecção” [dos objetos - *autor*] deve ser contraposta a “função” [de objetivação - *autor*], à “receptividade das impressões” deve ser contraposta a “espontaneidade” dos conceitos da razão. Deve ser demonstrada uma relação da vontade com o seu objeto [*Gegenstand*],

na qual ela não é determinada tanto pelo objeto [*Objekt*], pela “matéria” particular do apetite, como, contrariamente, ela determina o objeto. Nessa exigência não pode mais ser encontrado nenhum paradoxo, se temos em mente o resultado crítico da analítica do entendimento. Pois também a matéria da sensação obteve valor de conhecimento objetivo somente na medida em que na “apercepção transcendental” foi demonstrada a legalidade fundamental sobre a qual repousa toda síntese do múltiplo e com isso toda a sua significação objetiva (Cassirer, 2021, p. 234).

É por esta via que Kant chega à noção de autonomia, uma vez que a vontade verdadeiramente livre é aquela que não se faz dependente da afecção pelo objeto, mas sim a que se opõe a ela por força de sua pura espontaneidade. Cassirer dá destaque às passagens em que Kant apresenta a liberdade como um tipo especial de causalidade, com vistas a mostrar como se consolida a distinção entre as leis da natureza e as leis da liberdade. Nestas, a vontade livre age segundo a lei que ela estabelece para si mesma em conformidade com o dever; disso resulta a formulação do imperativo categórico enquanto princípio fundamental da ética crítica.

Do mesmo modo que a exposição genética favorece a compreensão da centralidade do método para a concepção da ética crítica, ela também deixa notar a perspectiva de um pensamento dinâmico e em construção contínua, na medida em que caracteriza a entrada em cena da *liberdade* como aquela que, do ponto de vista metodológico, ao mesmo tempo evidencia o limite da experiência possível e aponta para além daquilo que é possível alcançar apenas a partir da empiria – elemento caro para a interlocução com as ciências particulares promovida pela Escola de Marburgo, pois faz da filosofia a estrutura estruturante das ciências particulares e a auxilia na expansão contínua do campo da experiência promovida por estas.

Importa-nos destacar que os resultados da crítica da razão prática só são possíveis pela reestruturação metodológica apresentada pela primeira vez na *Crítica da razão pura*. Como já dissemos acima, neste particular Cassirer não apresenta nenhum detalhe de interpretação que seja particularmente destoante da leitura marburguesa. De fato, em sintonia com a exposição que destaca o método, Cassirer interpreta o dito “formalismo” da ética kantiana como uma das suas virtudes mais marcantes. Contra a interpretação segundo a qual a ética kantiana é vazia e insuficiente para lidar com casos concretos, Cassirer contrapõe a profunda influência que ela exerceu – justamente por sua concepção formal – em figuras decisivas do pensamento alemão, como Wilhelm von Humboldt, Schiller, Goethe e Hölderlin.

No caso da terceira crítica também é notável a presença do método como o fio condutor que explica sua ligação com as duas outras críticas, mas, ainda mais importante para nós, é por meio dele que Cassirer a interpreta não apenas como decorrente da necessidade de resolver problemas sistemáticos levantados sobre a relação entre a teoria e a prática, mas igualmente como expansiva e voltada à abertura de novos campos de problemas – ou ao alargamento da experiência possível. Cassirer diz que “é o progresso imanente das tarefas objetivas da crítica da razão, e não o aperfeiçoamento e desenvolvimento da arquitetura conceitual de Kant, que conduz à *Crítica da faculdade de julgar* como elemento especial do sistema” (Cassirer, 2021, p. 283).

Para apresentá-la, Cassirer recorre aos efeitos que a terceira crítica teve no horizonte intelectual pós-Kant e se detém na explicação da construção interna da obra, a relação entre a estética e a teleologia da natureza, de modo a explicitar sua unidade problemática a partir de sua inserção na história do pensamento idealista sobre o problema da forma como pressuposto latente de sua concepção. Cassirer afirma que os conceitos fundamentais presentes nas diversas fases do desenvolvimento metafísico-especulativo acerca do problema da forma constituem “os marcos verdadeiros do processo de pensamento sistemático no âmbito da execução da *Crítica da faculdade de julgar*” (Cassirer, 2021, p. 272), mas pontua que isso não significa que

Kant se baliza pelo modo como o problema era tratado, mas sim que isso serve que ele designe o conjunto dos objetos-problema com os quais lida. Com esse pano de fundo é possível marcar a virada que Kant promove no conceito então corrente de *conformidade a fins*, que Cassirer aproxima do conceito leibniziano de harmonia. Kant teria então transposto a “sistemática do mundo” para a “sistemática dos conceitos” (Cassirer, 2021, p. 277).

Com efeito, Cassirer assevera que “em nenhum outro lugar a ‘revolução crítica da forma de pensar’ se mostrou tão decisiva como aqui, onde a metafísica é perscrutada numa área que é considerada desde tempos imemoriais como seu distrito exclusivo e seu domínio verdadeiro” (Cassirer, 2021, p. 273). Contrapondo-se também aqui à leitura filológica, Cassirer enfatiza mais uma vez o caráter dinâmico da crítica kantiana, agora com o recurso à noção de “técnica da natureza”, a partir da qual é possível considerar a natureza como se fosse expressão de uma vontade criativa e julgá-la em analogia à arte e em referência subjetiva ao entendimento. Esse é o elo que permitirá conectar natureza e arte e que abrirá propriamente um novo horizonte.

Assim como a unidade do espaço e do tempo fora ao mesmo tempo designada como unidade de “percepção pura”; assim como a unidade do objeto da experiência fora ao mesmo tempo designada como a unidade da “percepção transcendental”, podemos do mesmo modo esperar também aqui que, para a nova determinação do conteúdo que nos foi aberta pelo pensamento da “técnica da natureza”, uma nova função da consciência correspondente a ela será ao mesmo tempo revelada (Cassirer, 2021, p. 291).

Com isso chega-se ao sentimento de prazer como expressão subjetiva da conformidade a fins. Sua entrada em cena é o elemento de novidade que precisa ser mediado metodologicamente, porque até então ele era considerado como empírico por excelência, aquilo que é arbitrário e distinto em cada indivíduo particular.

O princípio da crítica transcendental é assim aplicado a uma área que até agora parecia resistir a ela. Mesmo a primeira edição da *Crítica da razão pura* havia descrito a esperança do “exímio analista Baumgarten” de chegar a uma “crítica do gosto” cientificamente fundamentada como equivocada, pois os elementos de satisfação e insatisfação estética consistem em prazer e desprazer, mas, de acordo com suas fontes, estes são meramente empíricos e, portanto, nunca poderiam servir como leis *a priori*. Agora esta visão é corrigida: a peculiaridade dessa correção, no entanto, consiste em que não é o exame direto do fenômeno da arte e da configuração artística, mas é um progresso na crítica do conhecimento teórico que leva a ela. Somente a ampliação e o aprofundamento do conceito *a priori* da teoria torna possível o *a priori* da estética e mostra o caminho de sua determinação e configuração. Porque foi demonstrado que, para a forma integral da experiência, a condição das leis gerais do entendimento é realmente necessária, mas não suficiente – porque foi descoberta uma forma própria e uma conexão finalística própria do particular, que, por sua vez, apenas completa o conceito sistemático de experiência (Cassirer, 2021, p. 292s).

E como conclusão parcial, Cassirer afirma que Kant, aqui no limiar da estética crítica, ultrapassa a teoria puramente lógica da formação conceitual empírica. A técnica da natureza, pelo lado objetivo, e a abordagem transcendental do sentimento de prazer, pelo lado subjetivo, tornaram isso possível.

A partir daqui, Cassirer passa a explorar a peculiaridade da abordagem de Kant sobre a concepção estética, voltada à legalidade da consciência e que ambiciona chegar às condições de possibilidade da *enformação*, da formação da forma. Isso conduzirá à discussão sobre o tipo específico de objetividade do objeto estético. A partir desse momento Cassirer explora a *pluralidade* das possibilidades abertas pela *formabilidade*, que ultrapassa a teoria puramente lógica

da formação conceitual empírica e a questão das condições de possibilidade da classificação sistemática das formas naturais. Sem chamar a atenção para isso, aos poucos Cassirer insere conceitos que lhe são particularmente importantes: ele fala em “funções da consciência”, ressaltando o fato de que cada uma delas “mostra uma direção ao objeto que lhe pertence exclusivamente e lhe dá uma cunhagem particular” (Cassirer, 2021, p. 299).

[...] a *Crítica da faculdade de julgar* mantém os pressupostos fundamentais do pensamento kantiano, enquanto, por outro lado, leva-os muito além de seu campo de aplicação anterior. O processo que Kant conduz contra a metafísica pré-crítica chegou ao seu fim aqui: a *Crítica da faculdade de julgar* confirma o veredito que a *Crítica da razão pura* e a *Crítica da razão prática* haviam proferido contra a metafísica dogmática. [...] A doutrina de Kant não extrapolou, naturalmente, o campo da “filosofia transcendental”, a tarefa geral de analisar o conteúdo e os meios do conhecimento. Assim como ela foi capaz de determinar o conteúdo da moralidade apenas mostrando os princípios necessários e universais de todo julgamento moral, ela não foi capaz de abordar o problema da arte, e mesmo o da própria vida, de qualquer outra forma que não por meio de uma crítica da faculdade de julgar estética e teleológica. No entanto, torna-se agora ainda mais claro que, através desta virada que se encontra fundamentada na essência do método kantiano, [...] o conceito original do conhecimento de Kant passou aqui por uma ampliação e um aprofundamento que só agora lhe capacita verdadeiramente a abranger toda a vida natural e espiritual e a compreendê-la a partir de dentro como um único organismo de “razão” (Cassirer, 2021, p. 346).

O leitor já familiarizado com a obra de Cassirer perceberá nessas palavras também os germes da *Filosofia das formas simbólicas*. Também sem extrapolar o campo da filosofia transcendental, o foco no método permite compreender o *movimento* do pensamento de Kant, destarte fornecer critérios para a consecussão da mesma problemática frente aos avanços que as ciências particulares promoveriam ao longo do século XIX até a culminância numa *crítica da cultura* – que é o ponto mais maduro do método transcendental, aplicado então à compreensão da totalidade das objetivações do espírito humano. O leitor também notará a ausência de outros elementos imprescindíveis da crítica da cultura cassireriana, tais como a incorporação da fenomenologia de Hegel e a cooperação junto ao círculo intelectual da *Kulturwissenschaftliche Bibliothek Warburg* em Hamburgo, onde Cassirer passa a residir a partir de 1919, após ser apondado como professor da recém-fundada universidade naquela cidade.

Considerações finais – no limiar do simbólico

Com efeito, desde pelo menos 2016, quando Arno Schubbach publica, como anexo de sua obra *Die Genese des Symbolischen: zu den Anfängen von Ernst Cassirers Kulturphilosophie*, o manuscrito de Cassirer de 1917 intitulado “Philosophie des Symbolischen”, temos elementos textuais para corroborar a afirmação, que já constava na biografia de Gawronsky (Gawronsky, 1949, p. 25), de que Cassirer haveria concebido o projeto da filosofia das formas simbólicas em 1917. Neste manuscrito, que reúne 32 páginas de anotações e esquemas organizados por subtítulos como Psicologia do simbólico; A lógica do simbólico; A metafísica do simbólico, entre outros, Cassirer chega pela primeira vez ao símbolo como o elemento central de articulação que lhe permite uma abordagem mais ampla do que a “racional”, estritamente falando. Essa questão aponta para os limites metodológicos das ciências da natureza e das ciências humanas, que perpassa todo o período de produção e preenche a atmosfera das investigações de Cassirer. De fato, essa ampliação a que chega Cassirer é o que lhe possibilita tamanho entrosamento com os pensadores da Biblioteca Warburg, onde o projeto das formas simbó-

licas encontra não apenas amplo material de investigação, mas acolhimento metodológico e espírito humanista.

Lembremo-nos, então, que Cassirer afirma que *Kant - vida e doutrina* estava finalizado em 1916, não tendo sido publicado antes de 1918 por razões ligadas à guerra. É esta a razão que faz da obra sobre Kant aquela que marca o *limiar* do simbólico: ela foi finalizada antes da concepção da crítica da cultura, mas publicada depois dela. Isso, por si só, permitiria entrever a proximidade entre a produção do capítulo sobre a terceira crítica (em especial) e o processo de reflexão que leva o já funcionalizado método transcendental de Cohen e Natorp ao ponto da concepção da *função simbólica*. Com efeito, o que encontramos no texto de 1918 não faz nenhuma alusão direta ao símbolo tal como ele será conceituado e desenvolvido na trilogia das formas simbólicas, mas lá já encontramos o horizonte da pluralidade como efeito da abordagem pela via do método.

Referências

- CASSIRER, E. Beiträge für die Encyclopedia Britannica. In: *Ernst Cassirer Gesammelte Werke*, v. 17.
- CASSIRER, E. *Filosofia das formas simbólicas*. Vol. I - A Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CASSIRER, E. Hermann Cohen e a renovação da filosofia kantiana. Tradução de Rafael Garcia. *Argumentos Revista de Filosofia*. Fortaleza, ano 14, n. 28, p. 113-126, jul./dez. 2022.
- CASSIRER, E. *Kant - vida e doutrina*. Petrópolis: Vozes, 2021.
- COHEN, H. *Kants Begründung der Ethik: nebst ihren Anwendungen auf Recht, Religion und Geschichte*. Berlin: B. Cassirer, 1910.
- COHEN, H. *Logik der reinen Erkenntnis*. Berlin: B. Cassirer, 1902.
- GAWRONSKY, D. Ernst Cassirer: his life and his work. In: SCHILPP, I. (Ed.). *The Philosophy of Ernst Cassirer*. New York: Tudor, 1949.
- HEIDEGGER, M.; CASSIRER, E. A disputa de Davos entre Ernst Cassirer e Martin Heidegger. Tradução de Adriano Mergulhão. *Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 254-277, 2020.
- LUFT, S. *The space of culture: towards a neo-kantian philosophy of culture* (Cohen, Natorp & Cassirer). Oxford: Oxford. University Press, 2015.
- NATORP, P. *Einleitung in die Psychologie nach kritischer Methode*. Freiburg: Mohr, 1888.
- PAETZOLD, H. *Ernst Cassirer: von Marburg nach. New York: eine philosophische Biographie*, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1995.
- SCHUBBACH, A. *Die Genese des Symbolischen*. Hamburg: Meiner, 2016.

Sobre o autor

Rafael Garcia

Professor de História da Filosofia Contemporânea, Ética e Filosofia Política no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH-UNICAMP). Bacharel, licenciado, mestre e doutor pela

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Membro da Internationale Ernst Cassirer Gesellschaft. Membro colaborador do Instituto de Estudos Filosóficos da Universidade de Coimbra. Líder do grupo de pesquisa Neokantismo e Filosofia da cultura. Membro dos grupos de pesquisa Origens da Filosofia Contemporânea e Filosofia da Cultura (CNPq). Autor de *Genealogia da Crítica da Cultura* (2014), coorganizador das coletâneas *Antropologia da Individuação* (2017) e *Ernst Cassirer: Geografia e Filosofia* (2019).

Recebido: 7/2/2025
Aprovado: 15/5/2025

Received in: 2/7/2025
Approved in: 5/15/2025